

OS FILMES COMO FONTES HISTÓRICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE A AMÉRICA INDÍGENA

Thomás Ricardo Silva Pereira¹
Marília Isabela de Oliveira Maciel Cursino²

RESUMO: O presente artigo faz uma análise de como as produções cinematográficas podem contribuir na construção de conhecimentos sobre a América Indígena no ensino da história, a partir da análise dos seguintes filmes: *Apocalypto* (2006) e *Hans Staden* (1999). O filme *Apocalypto* trás reproduções da religião, dos ritos, das guerras e da organização política da sociedade Maia; já o filme *Hans Staden* mostra a organização social e os rituais antropofágicos da Sociedade Tupi, através do olhar do escritor Hans Staden, no período das grandes navegações. A pesquisa traz uma análise crítica sobre os filmes citados, demonstrando que existe a possibilidade de se extrair informações sobre os mesmos que hora podem apresentar visões estereotipadas das sociedades indígenas quanto informações que contribuam para aprendizado digno sobre suas histórias e manifestações culturais.

Palavras-chave: *Apocalypto*. *Hans Staden*. América Indígena.

1

ABSTRACT: This article analyzes how film productions can contribute to the construction of knowledge about Indigenous America in history education, based on the analysis of the following films: *Apocalypto* (2006) and *Hans Staden* (1999). The film *Apocalypto* portrays the religion, rites, wars, and political organization of Mayan society; while the film *Hans Staden* shows the social organization and anthropophagic rituals of Tupi society, through the eyes of the writer Hans Staden, during the Age of Exploration. The research presents a critical analysis of the aforementioned films, demonstrating that it is possible to extract information from them that may present both stereotypical views of Indigenous societies and information that contributes to a dignified understanding of their histories and cultural manifestations.

Keywords: *Apocalypto*. *Hans Staden*. Indigenous America.

¹Graduado em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. é mestrando em História pela Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte. Professor de História da Escola Coração de Estudante, Recife-PE.

²Pós-graduada em Avaliação Psicológica pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife (UNIFAFIRE). Graduada em psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas -ESUDA. Formada em Recursos Humanos, pela Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo de Olinda-FACOTTUR.

I. INTRODUÇÃO

A partir de abordagens teóricas que aprimoram a possibilidade de se utilizar o conteúdo de filmes como fontes para a construção de conhecimentos históricos, a pesquisa escrita a seguir irá criticar, com base na literatura especializada em sociedades indígenas, a maneira que certas produções cinematográficas retrataram o passado dos povos maias e dos tupis, objetivando valorizar fatos contundentes e perspectivas positivas sobre suas manifestações sociais e culturais que conseguiram ou puderam ser preservadas ao longo do tempo.

Devido à exploração secular promovida por espanhóis e portugueses na América, a educação eurocêntrica tornou-se cotidiana para a população latino-americana que, mesmo tendo uma composição étnico-racial diversificada, foi induzida a se enxergar unicamente através das perspectivas européias, não valorizando a existência de seus antepassados indígenas e africanos e reproduzindo pré-conceitos sobre suas próprias origens (SILVA, 2018). Levando em consideração o pensamento decolonial difundido pela academia atualmente, fazer com que as novas gerações se interessem por preservar a representatividade política e cultural dos maias e dos tupis possíveis de serem apropriadas é um ensino antropológico muito relevante, inclusive, tornando-as críticas em relação a filmes interessados em expor os resultados das experiências históricas desses povos indígenas.

A princípio, serão apresentados alguns aspectos da história dos maias para em seguida serem feitas críticas ao conteúdo do filme *Apocalypto* (2006), uma produção preocupada em remontar cenários e criar personagens do que poderia ter sido uma poderosa cidade-estado maia no auge da autonomia de sua elite. Posteriormente, o trabalho irá fazer uma análise sobre a história dos povos tupis e, consecutivamente, investigará os detalhes que foram pensados na produção do filme *Hans Staden* (1999), que trata do encontro entre um viajante alemão e suas experiências com povos nativos do litoral brasileiro no século XVI.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Pensando a sociedade Maia através do filme *Apocalypto*

É adequado começar relatando quais foram às condições geográficas que possibilitaram a formação das primeiras comunidades na floresta do Petén, o território que viria a pertencer ao povo maia. Apesar de contar com uma biodiversidade considerável e passível de ser explorada, a falta de redes hidrográficas robustas era uma questão que precisava ser solucionada para que o nível de comodidade pudesse ser aumentado na região (SILVA, et al., 2019).

Apesar de ser uma floresta tropical, o Petén é uma região um tanto quanto inóspita: muito fadado a secas, com poucos rios navegáveis e amplos pântanos insalubres. Por outro lado, é uma região de solo calcário bem propício para o surgimento de cavernas (muitas das quais eram usadas como importantes reservatórios de água e centros cerimoniais pelos maias) e bom fornecedor de pedras para a construção (SILVA, et al., p. 34).

Dessa maneira, no período Pré-Clássico (800 AEC. – 300 EC.), os primeiros maias passaram a canalizar as águas das grutas que lá encontravam para o aproveitamento em suas terras (SILVA, et al., 2019). Esse desenvolvimento tecnológico melhorou a exploração do solo de que dispunham, aumentando a produtividade, a qualidade de vida e favorecendo a criação de vilas interligadas por rotas comerciais. Quando a população começou a crescer, a extração de recursos da natureza passou a ser mais exigida, o que burocratizou a divisão de trabalho, acentuou a estratificação social e fez com que uma maioria de camponeses passasse a ficar rigorosamente subordinada as elites formadas por sacerdotes detentores de conhecimentos privilegiados (NAVARRO, 2008).

No Período Clássico (300 EC. – 900 EC.), os centros urbanos que já vinham em crescimento se transformaram em poderosas cidades-estado, ou seja, possuíam economias independentes e eram leais somente aos reis de suas respectivas localidades, embora compartilhassem relações culturais semelhantes umas com as outras como a agricultura do milho, o idioma, a escrita, as vestimentas, as artes, o calendário e as práticas religiosas. Aos reis maias eram atribuídas duas grandes qualidades: o de ser um conhecedor da vontade divina na terra e também um habilidoso militar pronto para defender os interesses de sua cidade.

As nobrezas das cidades-estado passaram a apoiar a prática da guerra não apenas no sentido da disputa territorial, mas também para receberem prestígio caso ganhassem daqueles que lhes deviam satisfação, ou seja, o restante de suas sociedades. As duas cidades que mais se destacaram nesse período foram Tikal e Calakmul. Eram as mais populosas, sendo que essa última chegou a contar com cerca de um milhão e meio de pessoas caminhando por suas praças e ajudando na construção de suas enormes pirâmides (SILVA, et al., 2019).

As pirâmides costumavam contar com longas escadarias e, dependendo da cidade onde eram construídas, possuíam algumas particularidades próprias, além de serem ricamente decoradas para o usufruto das autoridades que tinham o direito de utilizá-las como templos religiosos (NAVARRO, 2021). Desde o período Pré-Clássico, os maias utilizavam técnicas que os permitiam levantar suas construções em cima de outras pré-existentes (NAVARRO, 2008). Os esforços empregados pelos maias para desenvolverem esses edifícios tão resistentes ao

tempo em nome de seus valores foram referenciados no filme *Apocalypto*. Ainda no início do seu enredo, quando os protagonistas não pertencentes a uma comunidade estatal são capturados por militares maias e levados em cativeiro para uma cidade, é possível visualizar um cenário contendo pirâmides estruturalmente semelhantes as que são encontradas nas ruínas da antiga cidade de Tikal, atual Guatemala.

Figura 1 – Cena focando várias pirâmides de uma cidade maia fictícia



Fonte: *Apocalypto* (2006).

Figura 2 - Ruínas contemporâneas da cidade de Tikal



Fonte: Los Amigos Hostel: The Secret Gardens of Flores (2021).

A religião dos povos maias englobava crenças bastante diversificadas. Esses povos acreditavam que era essencial que o homem, tendo consciência da importância natural e sobrenatural da fauna, representada por seres como o jaguar, o crocodilo e a serpente, se esforçasse para preservá-la a fim de que conseguisse manter o equilíbrio do universo e a possibilidade de sobrevivência. O universo, por sua vez, era dividido em diferentes partes associadas a seres sobrenaturais míticos incluindo espíritos, heróis e deuses que possuíam atributos animais (NAVARRO, 2021).

Uma das práticas utilizadas pelos maias para obterem proteção dos deuses consistia no ato de lhes oferecerem sacrifícios humanos. O objetivo era que estabelecessem uma aliança com as divindades esperando receber em troca o apaziguamento de mazelas como secas, fome e epidemias (ALVES CB, et al., 2006). O sangue derramado equivalia a um líquido essencial para a alimentação das forças que controlavam o universo e a operação de cortar indivíduos ainda em vida para que se seus corações fossem retirados, a prática mais eficiente para se atingir esse objetivo.

A importância não era atribuída ao órgão em si, mas na grande quantidade de sangue que o mesmo carregava consigo (NAVARRO, 2021). Em decorrência das batalhas e das guerras maias, os perdedores comuns se tornavam escravos enquanto os inimigos mais considerados eram sacrificados para servirem de oferenda digna aos deuses que os vencedores cultuavam (ALVES CB, et al., 2006). Outras práticas de sacrifícios também incluíam o apedrejamento, o flechamento, a retirada do intestino e a degolação (NAVARRO, 2021), essa última bastante explorada no filme *Apocalypto*.

Entretanto, muito do conteúdo abordado em *Apocalypto* sobre os rituais de sacrifício dos maias não encontra respaldo nos textos científicos a respeito desse povo. No filme, os personagens que possuem seus corações arrancados e suas cabeças degoladas não são caracterizados por fazerem parte de classes com elevado status social da região, e como já foi analisado, esse ritual consistia em oferecer aos deuses, ao invés de simplesmente matá-los, o sangue das pessoas que eram consideradas as mais importantes dos povos inimigos, a fim de que as divindades achassem as oferendas dignas e se satisfizessem deixando o universo em equilíbrio.

Retornando ao filme, o sacerdote responsável por promover os sacrifícios ergue os corações arrancados como se a importância de seus atos estivessem na oferenda desses órgãos às divindades (Figura 3). De acordo com Navarro (2021), essa compreensão a respeito dos maias é uma visão romantizada característica de composições cinematográficas. Ao se analisar a pintura de um sacrifício maia (Figura 4), é possível perceber que não há a preocupação com o erguimento do órgão após o mesmo ser retirado do corpo sacrificado.

Figura 3 - Cena do sacerdote erguendo o coração após um sacrifício



Fonte: *Apocalypto* (2006).

Figura 4 - Pintura de um sacrifício maia



Fonte: Brandy Norton (2016).

Ainda em relação às duas imagens acima, é possível notar que enquanto a cena do filme *Apocalypto* apresenta os apoiadores da oferenda fortemente pintados em um cenário com cores desbotadas e escadaria descolorida, na pintura maia, os apoiadores não estão pintados, mas se encontram em um cenário que melhor transmite solenidade, marcado pelo tom alaranjado e vivo das escadarias.

Uma explicação para o esquema de cores promovida no filme que contraria as pinturas maias pode estar associada ao fato de que os responsáveis por produzi-lo não queiram transmitir uma sensação “alegre” do ritual que estava sendo realizado, principalmente para os protagonistas que estão pintados de azul prestes a serem sacrificados contra as suas vontades. Entretanto, a lógica do “sacrifício banal” que o filme teve interesse de construir contraria a tese científica do sacrifício como uma resposta especial, militar e religiosa de uma elite para com a outra.

Diante de tudo que pôde ser observado, *Apocalypto* é um filme que em termos de reconstituição histórica possui suas falhas, mas que não é de todo descartável. O seu conteúdo e as críticas feitas sobre o mesmo podem ajudar de várias maneiras no ensino de perspectivas que valorizem o que os maias pensaram e quais exemplos históricos deixaram de legado para que as novas gerações mesoamericanas possam se sentir melhor representadas politicamente e defendidas culturalmente num contexto de desconstrução da perspectiva eurocêntrica que por muito tempo vigorou nos países latino-americanos (SILVA, 2018).

2.2 Pensando a Sociedade Tupi através do filme Hans Staden

Agora será investigado o povo tupi e quais críticas podem ser realizadas a respeito do filme *Hans Staden* para a construção de mais conhecimentos importantes para a representatividade e valorização indígena na América. Primeiramente será feita uma contextualização do meio em que os tupis agiam para em seguida serem analisadas alguns de seus aspectos sócio-culturais responsáveis por mobilizar suas comunidades em prol de atividades que acreditavam promover o bem coletivo.

A respeito das teorias que tratam de explicar como os tupis chegaram à atual costa brasileira, elas se contradizem. A ideia mais aceita entre os cientistas defende que, tendo se originado na bacia Paraná-Paraguai, os tupinambás se retiraram dessa região que era a mesma dos grupos guaranis (o que explica a proximidade cultural entre ambos) e iniciaram a ocupação da costa oriental da América do Sul, desenvolvendo novas, porém semelhantes identidades com o grupo tupinambá (formando o que viria a ficar conhecido como o grande povo tupi). Apesar das incertezas sobre o período pré-contato com os europeus, é sabido que no século XVI da era comum, esses grupos indígenas já estavam em plena atividade desde a costa paulista até a cearense (CUNHA, 1992).

A maior parte das fontes históricas sobre os tupis que conseguiram resistir ao tempo tratam-se de relatos escritos por viajantes europeus que passaram a desembarcar no litoral brasileiro no contexto das grandes expedições marítimas e da colonização da América. Nesse sentido, destacam-se os textos de religiosos, fazendeiros e militares de diferentes nacionalidades européias que passaram a registrar como era o contato que estavam mantendo com as terras e as populações que estavam conhecendo (CUNHA, 1992).

Sendo coerentes com a visão de mundo em que foram formados, esses exploradores escreveram nos papéis uma série de pré-conceitos e falta de empatia para com os valores que os

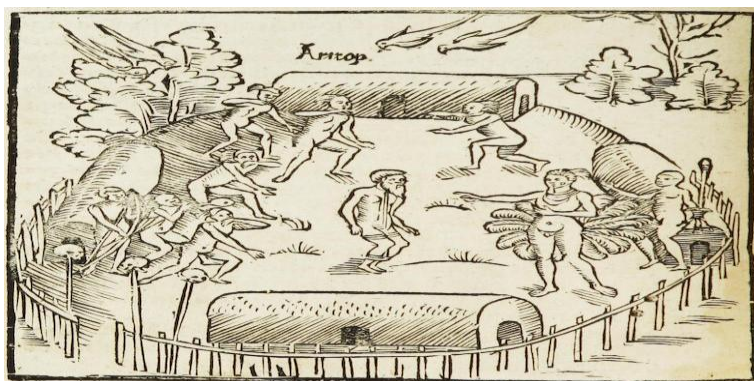
indígenas tinham a defender sobre si mesmos (Silva, et al., 2019), entretanto, quando os cientistas contemporâneos passaram a estudar criticamente esses documentos identificaram muitas ocorrências de práticas creditadas aos tupis que os permitiram traçar a forma como esses grupos administravam seus territórios, tratavam o próximo e entendiam a sobrenaturalidade, garantindo dessa maneira um grau elevado de cientificidade do conhecimento composto (CUNHA, 1992).

As aldeias tupinambás podiam conter cerca de 500 a 3000 pessoas e de 4 a 8 malocas (unidades residenciais) localizadas as margens de um pátio central, formando ao todo uma unidade social. A distância de uma aldeia para com a outra podia depender tanto de conveniências ecológicas quanto políticas. Se uma aldeia significava um conjunto de malocas aliadas, várias aldeias aliadas significavam, de acordo com Cunha (1992), “um conjunto multicomunitário”. Uma vez que habitantes de diferentes aldeias possuísem laços familiares, costumavam manter a paz entre si, a se reunir para praticarem rituais em comum e também convocarem uma grande quantidade de guerreiros para defender seus territórios contra possíveis incursões inimigas (CUNHA, 1992).

A organização política de dentro das aldeias se dava da seguinte maneira: Um homem que conseguisse exercer “gravidade de influência”, sobretudo pela sua credibilidade quanto um guerreiro impetuoso contra os inimigos e detentor de conquistas militares, seria alguém que teria credibilidade para ter várias esposas, filhos e genros que lhe deveriam demonstrar respeito. Por conseguinte, alcançaria o posto de chefe da maloca onde residia e o de uma das lideranças da aldeia em que habitava (CUNHA, 1992).

Entre os chefes locais (de uma aldeia) ou supra-locais (de um conjunto de aldeias) não haviam privilégios, mas dependendo de suas capacidades de aumentarem a parentela, de serem temidos nos meios sócio-militares e de articularem boas oratórias, poderiam ser mais “ouvidos” do que os outros. Um chefe indígena que alcançou grande reputação por seus feitos militares na década de 1550 era conhecido como Cunhambebe. Boa parte do que se sabe sobre esse líder foi escrito por um artilheiro alemão que conviveu com o mesmo chamado Hans Staden. Cunhambebe foi utilizado por alguns cientistas para exemplificar o que possivelmente teria sido um soberano tupinambá (CUNHA, 1992). Nas imagens abaixo, é possível observar duas representações do encontro de Hans Staden com Cunhambebe.

Figura 5 - Desenho do encontro de Hans Staden com Cunhambebe



Fonte: Blog da BBM, AMBROSIO, 2017.

Figura 6 - Cena do encontro entre Hans Staden e o Chefe Cunhambebe



Fonte: *Hans Staden* (1999).

A figura 5 foi publicada no livro de autoria do próprio Hans Staden onde ele relata suas experiências quando esteve entre os indígenas brasileiros, inclusive com o chefe tupinambá Cunhambebe. Nesta figura, Hans Staden está no centro, amarrado e curvado. Cunhambebe está a sua frente de forma mais ereta, alta e decorada que os demais.

A figura 6 trata-se de uma cena do filme *Hans Staden* de 1999, que teve o intuito de encenar o mesmo encontro promovido pelos personagens da figura anterior. O cenário utilizado é diferente, é o interior de uma maloca, um ambiente mais particular, Hans Staden se encontra de pé, ereto e solto e Cunhambebe sentado na mesma altura que outros personagens, porém centralizado e iluminado.

Levando em consideração as duas gravuras, onde a representação privilegiada de Cunhambebe estaria mais coerente, no pátio da aldeia, podendo deixar a entender que ele era o soberano da mesma, ou dentro de sua maloca, onde aí sim ele poderia ser a pessoa mais

respeitada? O próprio Hans Staden, apesar de sua perspectiva eurocêntrica, ajuda a responder essa pergunta.

Os selvagens não têm governo, nem direitos estabelecidos. Cada cabana tem seu superior. Este é o principal. Todos os seus principais são de linhagem idêntica e têm direito igual de ordenar a reger. *Conclua-se daí como quiser*. Se um sobressaiu dentre os outros por feitos de combate, ouve-se-lhe mais do que aos outros, quando empreendem uma arremetida guerreira, como Cunhambebe, acima citado. Fora disso nenhum privilégio observei entre eles [...]” (Staden. 1847:164 – ênfase nossa) (CUNHA, 1992, p. 390)

A antropologia evolucionista por muito tempo considerou que as sociedades como as que formavam os tupis, ou seja, grupos sociais sem burocracia estatal, eram culturalmente inferiores porque não teriam alcançado o nível de refinamento social, cultural e econômico esperados para o padrão de ser humano que concebia. A partir dessa lógica, os valores das sociedades tupis eram julgados sobre o que elas não tinham em comparação com o que outros povos construíram (CLASTRES, 1978).

Entretanto, Pierre Clastres, pensador notável da segunda metade do século XX (Sztutman, 2009), desenvolveu ideias importantes para a desconstrução dessa noção de que os tupis foram menos desenvolvidos. Para ele, esses povos não aspiravam ter mais que seus vizinhos porque viviam em abundância, sendo do senso comum dos componentes das aldeias que todos tinham a capacidade equivalente de conseguir satisfazer as necessidades tanto materiais quando de trocas de bens e serviços no meio em que viviam. Os tupis não achavam lógico considerar a perspectiva de que a propriedade privada era necessária assim como uma profunda hierarquização da sociedade para administrá-la e defendê-la. Dentre essa e outras maneiras pensadas por Clastres, os tupis não seriam inferiores como pensaram os evolucionistas, somente teriam tido menos preocupações quanto aos recursos de que necessitavam (Clastres, 1978), desenvolvendo culturas que não induziam a construção de grandes espaços de convivência social, dificultando a formação de instituições centralizadas politicamente (SZTUTMAN, 2009).

Uma característica cultural que fazia toda a diferença para a organização religiosa e social dos tupis era à prática da guerra como uma atitude de vingança aplicada aos inimigos antepassados. O sentido altamente belicoso que esses indivíduos davam as suas vidas não tinha o objetivo de manter ou expandir seus territórios, tampouco de saquear os adversários e conquistarem suas riquezas para terem excedentes ou, na possibilidade de uma disputa por ego, de se apresentarem como os maiores proprietários da região (CUNHA, 1992).

A honra de se vingar dos inimigos antepassados é o que realmente importava para os tupis, dessa forma, guerrear contra os adversários e conseguir capturá-los tinham significados muito fortes. Missões militares eram postas em prática especificamente para se fazerem prisioneiros a fim de que fossem utilizados nos rituais antropofágicos (SILVA, et.al, 2019). Aqueles que eram mortos e feridos nos campos de batalha eram devorados após o término dos combates enquanto os prisioneiros de guerra eram levados até as aldeias dos vitoriosos (CUNHA, 1992).

Chegando lá, os cativos passavam a ajudar nas atividades cotidianas e até a se casar com as mulheres da família de quem os capturou. Depois de alguns meses, os guerreiros livres faziam uma festa, convocavam aldeões aliados e em fim comiam seus prisioneiros a fim de que adquirissem suas forças e completassem o que acreditavam ser o ritual perfeito para a prática da vingança (SILVA, et.al, 2019). Nas imagens abaixo, é possível ver duas cenas referentes ao antigo ritual antropofágico creditado aos tupis.

Figura 7 - Representação artística de perspectiva européia sobre o ritual antropofágico



Fonte: Theodor de Bry (1596) Theodore de Bry e as primeiras imagens do Brasil , 2017

Figura 8 - Cena de uma aldeã observando pernas humanas prontas para serem comidas



Fonte: Hans Staden (1999)

A figura 7 é uma representação artística creditada a Theodor de Bry sobre o ritual antropofágico descrito por Hans Staden quando esteve capturado pelos tupinambás no século XVI. O autor da arte nunca presenciou de fato indígenas comendo outras pessoas, mas isso não lhe impediu de fantasiar o que pensava ser a mais incivilizada das práticas, vazias de significados dignos Theodore de Bry e as primeiras imagens do Brasil (BRY, 2017). Observando o cenário onde ocorre a “comilança”, é possível perceber que está sendo feito no pátio de uma aldeia (tendo em vista as malocas ao redor) e as mulheres se destacando por estarem comendo as partes mais fibrosas.

A figura 8 trata-se de mais uma cena do filme *Hans Staden* em que uma aldeã olha para duas pernas humanas cortadas prontas para serem comidas de acordo com o ritual antropofágico. Esses membros estão em cima de uma espécie de rede pendurada por alguns paus fincados no chão em posição vertical, possivelmente inspirado na imagem anterior. A cena acontece dentro de uma maloca e ainda é possível ver outros indígenas saboreando o guerreiro sacrificado no decorrer da cena.

Ambas as imagens possuem incoerências históricas. De acordo com a professora Kalina Vanderlei, não fazia sentido que as mulheres saboreassem as partes mais musculosas do adversário esquartejado, afinal de contas, como os homens vitoriosos receberiam a força daqueles que tiveram o trabalho de capturar?

A encenação do filme *Hans Staden* também não se preocupa com a grande importância que tinha o ritual antropofágico para os tupis. Essa prática na verdade acontecia nos pátios e não dentro das malocas e havia uma reunião de aldeias aliadas para celebrar o grande momento que era o de, no ato de estar comendo o adversário, estar ganhando sua força e se vingando de uma forma ritualisticamente perfeita dos inimigos antepassados (CUNHA, 1992). Era uma honra para o guerreiro que estava prestes a ser degustado estar representando sua ancestralidade no ato final de sua vida (SILVA, et.al, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante das ressalvas aqui postas sobre o filme *Hans Staden*, é possível elogiar o cenário que foi utilizado na maior parte do mesmo, a aldeia tupinambá, e os atores que fizeram os indígenas porque estavam muito bem caracterizados e falando uma língua que transmitiu impacto sobre todo o universo que se teve o interesse de encenar. Como já foi dito no caso do

filme *Apocalypto*, as críticas feitas em cima de Hans Staden também são muito importantes para o aperfeiçoamento da história e, por consequência, da valorização das fontes históricas.

Apesar de ser um trabalho árduo, os pesquisadores decoloniais precisam mostrar a sociedade que os indígenas possuem consciências emancipadas (não precisando se preencher da cultura dominante ocidental) e que essas identidades culturais precisam ser defendidas no âmbito econômico, político e cultural (até global) para que possam ser preenchidas de significado representativo e existencial, inclusive para os povos latino-americanos. O objetivo é que saibam valorizar suas ancestralidades e consigam enxergar seu passado e suas características de forma positiva a fim de que deem atenção para o que realmente importa, construindo uma sociedade que valorize os estudos antropológicos.

REFERÊNCIAS

ALVES CB, et al. A religião Maia para além dos sacrifícios. *Ameríndia- História, cultura e outros combates*. v.2, n.2, p. 1-10, 2006.

STADEN H. Hans Staden : suas viagens e captivo entre os selvagens do Brasil. Traduzido por: Alberto Löfgren. São Paulo : Typ. da Casa eclectica. 1900. Tradução de: Warhaftig Historia und beschreibung einer Landtschafft der Wilden Nacketen Grimmigen Menschenfresser Leuthen in der Newen welt America gelegen vor vnd nach Christi geburt im Land zu Hessen vnckast biss auff dise ij, nechst vergangenejar,

13

APOCALYPTO. Direção de Mel Gibson. Estados Unidos: Judi Bell, Vicki Christianson, Bruce Davey, Ned Dowd, Mel Gibson, Sergio Miranda, Farhad Safinia, 2006, DVD (137 min), son. color. Legendado. (Ação/Aventura)

CLASTRES P. A sociedade contra o estado: Pesquisas de antropologia política. Traduzido por: Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1978. Tradução de: La société contre l'État Recherches d'anthropologie politique

CUNHA MCD. História dos índios no Brasil. 1 .ed. São Paulo: Companhia das letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992; 653 p.

HANS STADEN. Direção: Luiz Alberto Pereira. Produção: Luiz Alberto Pereira. Brasil: Lapfilme Brasil, 1999, Filme (92 min), son. ,color., legendado. (Biografia, Drama, História)

LOS Amigos Hostel. The Secret Gardens of Flores. Disponível em: <<https://amigoshotel.com/tours/>> Acesso em: 24 de agosto de 2021.

NAVARRO AG. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. *História*. São Paulo; v.27, n.1, p. 347-378, 2008.

NAVARRO AG. A Civilização Maia: Reis e Cidades na Floresta Tropical. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021; 98p.

NORTON B. A Categorization and Comparative Analysis of Maya Body Part Caches. Dissertação (Mestrado em Latin American and Caribbean Studies) — University of Chicago, Chicago, 2016; 141 p.

SILVA, Kalina et al. História: História da América Indígena. Recife: [s.n.]; 2019; 96 p.

SILVA RC. Mito e o Ensino de História e Cultura Indígena em perspectiva decolonial. Fronteiras: Revista Catarinense de História. Dossiê História Indígena e estudos decoloniais. Maranhão; n. 31, p. 26 -48, 2018.

SZTUTMAN R. Religião nômade ou germe do estado? Pierre e Hélène Clastres e a vertigem tupi. Novos estudos. São Paulo; n. 81, p 129 - 157 , 2009.

BRY T. Cenas de antropofagia no Brasil. Disponível em: <<https://www.brasiliaiconografica.art.br/obras/18720/cenas-de-antropofagia-no-brasil>> Acesso em: 26 de agosto de 2021.